

FATORES SOCIAIS ASSOCIADOS À DEPRESSÃO NAS VELHICES

Elisângela Maia Pessoa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5583-9597>

Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Doutora em Serviço Social,
São Borja/RS - Brasil
elisangelapessoa@unipampa.edu.br

Bruna Wagner Dutra

Orcid: <http://orcid.org/0009-0000-7354-6635>

Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Bacharel em Serviço Social,
São Borja/RS – Brasil
brunadutra26@outlook.com

Recebido em: 19/06/2024

Aceito em: 02/07/2024

Resumo: Foi realizado estudo em torno das velhices, com foco em fatores que podem estimular a depressão nessa faixa etária. O objetivo geral da pesquisa realizada foi analisar os fatores que podem levar uma pessoa idosa a entrar em depressão, com o intuito de propor políticas públicas para atendimento às velhices. Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, via levantamento bibliográfico, por meio de uma base teórica constituída pelo método dialético crítico, que propõe como categorias centrais a totalidade, a historicidade e a contradição. Tal suporte teórico proporcionou entendimento mais amplo sobre fatores associados à depressão nas velhices. Para a coleta dos dados, foi utilizada a técnica de observação, com suporte de um instrumento denominado roteiro roteador, com perguntas abertas, tendo como recorte artigos publicados nos últimos cinco anos. Utilizou-se da análise de conteúdo para sistematização dos dados coletados. Os resultados da pesquisa apontam que os principais fatores que podem levar a pessoa idosa à depressão são isolamento social, solidão, abandono, pobreza, aposentadoria, viuvez e luto.

Palavras-chave: Velhices; Depressão; Políticas Públicas.

SOCIAL FACTORS ASSOCIATED WITH DEPRESSION IN OLD AGE

Resumen: Se llevó a cabo un estudio en torno a la vejez, centrándose en los factores que pueden estimular la depresión en este grupo de edad. La investigación realizada tuvo como objetivo general analizar los factores que pueden llevar a un adulto mayor a entrar en depresión, con el fin de proponer políticas públicas para la vejez. Se decidió realizar una investigación cualitativa, vía levantamiento bibliográfico, a través de una base teórica, constituída por el método dialéctico crítico, que propone como categorías centrales la totalidad, la historicidad y la contradicción. Tal apoyo teórico proporcionó una comprensión más amplia de los factores asociados con la depresión en la vejez. Para la recolección de datos se utilizó la técnica de la observación, apoyada en un instrumento de recolección de datos, denominado guía, con preguntas abiertas, con una selección de artículos publicados en los últimos cinco años. Se utilizó el análisis de contenido para sistematizar los datos recopilados. Los resultados

de la investigación indican que los principales factores que pueden llevar a los ancianos a la depresión son el aislamiento social, la soledad, el abandono, la pobreza, la jubilación, la viudez y el duelo.

Palabras llave: Vejez; Depresión; Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

O estudo, ora apresentado, foca nas vivências das pessoas idosas, sendo que o Estatuto da Pessoa Idosa (2003) – Lei 10.741 aponta, em seu Art. 1º, que considera-se pessoa idosa aquelas “com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (Brasil, 2003, s/p), constituindo a fase denominada velhices. Cabe, salientar que o processo de envelhecimento é diverso, os seres humanos vão se modificando desde o seu nascimento até chegar nas velhices, sendo essa, uma fase de vida, considerada como natural, uma vez que “envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo” (Zimerman, 2000, p. 21).

Deve-se considerar as diferenças sob as condições de vida as quais as pessoas envelhecem: “entende-se, então que o envelhecimento é resultado de uma construção sócio-histórica” (Dardengo; Mafra, 2018, p. 11), ou seja, a forma como uma sociedade atende as necessidades das pessoas idosas, via proteção social, políticas públicas, legislação, etc., irá afetar seu modo e sua condição de vida nas velhices.

Outro motivo que leva a importância de estudos sobre as velhices reside nos índices etários brasileiros. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), a população idosa no ano de 2021 alcançou o índice de 31,2 milhões, o que representa 14,7% da população brasileira. Destaque-se que a maioria da população idosa se concentra nas regiões Sudeste (16,6%) e Sul (16,2%), tendo a maior concentração de pessoas idosas nos estados de Rio de Janeiro (19,1%).

Dentre vários fatores que interferem no cotidiano das pessoas idosas, a pesquisa realizada buscou focar na depressão nas velhices, um tema que é de suma importância para a sociedade de forma geral e para os/as profissionais do Serviço Social – uma vez que as pessoas idosas se tornam sujeitos alvo de atendimentos tanto no âmbito das políticas públicas, como em programas e projetos em instituições públicas e privadas –. Emerge daí a necessidade de ações preventivas e de políticas

públicas neste âmbito de atendimento, principalmente na área da saúde, porta de entrada para várias patologias que envolvem a saúde mental.

Considerando o interesse pela temática – não necessariamente na patologia, mas em aspectos sociais em torno dela –, surgiu o seguinte problema de pesquisa: Por quais fatores uma pessoa idosa pode entrar em depressão? A partir dessa pergunta, emergiu o objetivo geral de “analisar os fatores que podem levar uma pessoa idosa a entrar em depressão, com o intuito de propor políticas públicas para atendimento às velhices”. Emergiu também os seguintes objetivos específicos: a) identificar como as relações sociais de uma pessoa idosa podem levar à depressão; b) verificar como as expressões da questão social podem levar a pessoa idosa à depressão; c) constatar como as relações de trabalho podem levar a pessoa idosa à depressão; d) descobrir como as políticas públicas podem contribuir com o enfrentamento da depressão nas velhices.

Em busca de atendimento aos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa com enfoque qualitativo, pois, segundo Yin (2016), tal enfoque busca a complexidade e profundidade do tema, para compreender os diversos fatores que podem levar as pessoas idosas à depressão. Optou-se pela realização de um levantamento bibliográfico, uma vez que esse processo permite maior liberdade de escolha de obras, tendo critérios mais fluidos e dinâmicos. Mesmo sem a obrigatoriedade de critérios, buscou-se priorizar obras publicadas nos últimos cinco anos. Em termos de método, optou-se pelo método dialético crítico, pois esse consiste em um método histórico-materialista que analisa a sociedade a partir do ponto de vista das categorias totalidade, historicidade e contradição (Justino, 2017).

Para coleta de dados foi utilizada a técnica de observação, sendo essa, segundo Gil (2008), uma forma de usar os sentidos com o intuito de adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano e para a pesquisa. Elaborou-se para coleta de dados das obras escolhidas, um instrumento, denominado roteiro norteador com perguntas abertas. A amostragem realizada constituiu-se como não-probabilística. Segundo Gil (2008), tal amostra depende somente dos critérios do/a pesquisador/a, não apresentando fundamentação matemática ou estatística. Após escolha das obras do levantamento bibliográfico, os dados foram sistematizados em quadros, que possibilitaram a análise de conteúdo. A análise escolhida foi constituída por três fases:

a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados obtidos (Gomes, 1994).

Cabe destacar a relevância da pesquisa realizada, uma vez que a depressão acaba sendo pouco diagnosticada e menos ainda tratada (Sousa *et al.*, 2017), sendo mais um fator alarmante para as pessoas idosas irem perdendo sua qualidade de vida por causa dos sintomas que atingem principalmente a perda de interesse pela vida.

O presente artigo está dividido em duas sessões. Em um primeiro momento, apresentam-se conceitos sobre a depressão, consequências e índices para aproximar o/a leitor/a da temática. Na segunda sessão, aponta-se o resultado do levantamento bibliográfico realizado, sendo apontado os fatores que levam à depressão nas velhices e algumas possibilidades de políticas públicas para atendimento à pessoa idosa.

Embora o tema não se esgote com a pesquisa realizada, propõe-se reflexões em torno da importância de visualizar o envelhecimento e seus condicionantes de forma propositiva em busca de um olhar crítico sob patologias que emergem a partir de um contexto social maior, voltado à exploração do/a trabalhador/a e conseqüentemente para uma sociedade que constantemente age com preconceito para com suas pessoas idosa

DEPRESSÃO: ENTRE CONCEITOS E CONSEQUÊNCIAS

A depressão é uma doença psicológica que está ligada a aspectos profundos e prolongados de tristeza que geralmente não passa, podendo ser atingida em qualquer fase da vida (Zimerman, 2000). Os principais sintomas da depressão, segundo Zimerman (2000), são geralmente tristeza, falta de motivação, perturbações do sono, desinteresse, perda de apetite, somatização, dores físicas, irritabilidade, dificuldade de concentração, perda do gosto pela vida, entre outros, podendo se manifestar de forma leve, moderada ou grave. Na psiquiatria, a depressão é vista como um transtorno, sendo diagnosticada a partir da presença de sintomas de longa duração com uma frequência e intensidade considerável. Diferente da psiquiatria, na psicanálise não existe uma teoria estabelecida sobre a depressão (Ferreira *et al.*, 2014).

Os sintomas mais comuns da depressão são “humor deprimido, alterações no sono, alterações no apetite, agitação ou retardo psicomotor, fadiga, culpa excessiva,

pensamentos de morte, ideação suicida, tentativa de suicídio, etc.” (Ferreira *et al.*, 2014, p. 4). Esses sintomas, segundo Zimerman (2000), podem se manifestar de forma diferente entre as faixas etárias. Sendo que a depressão nas pessoas idosas pode se tornar mais grave, pois:

[...] além dos sintomas mais comuns, costumam ser acompanhadas com baixa autoestima, sentimento de inutilidade, humor disfórico, tendência autodepreciativa, ideação paranoide e pensamento recorrente de suicídio (Siqueira, 2007, p. 255).

Historicamente, a depressão é um termo que foi utilizado pela primeira vez em 1680, significando desânimo ou perda de interesse, sendo adicionada ao dicionário em 1750 por Johnson, mas só foi definitivamente adotada no século XIX quando a palavra melancolia perdeu valor no meio científico (Souza, 2012). Na história dos transtornos mentais, primeiramente a depressão era vista de forma mística e religiosa, principalmente pelos gregos e romanos. Porém, Hipócrates (460 a.c./370 a.c) avança em estudos quando discute tais sintomas em uma perspectiva patológica.

Porém, com a chegada da idade média (476 – 1453) abandonou-se essa ideia e voltou-se, novamente, para a religiosidade, em uma visão de demonização das pessoas, sendo vista a melancolia (ou a depressão) como um “pecado” com direito a penitências, sendo até mesmo algumas pessoas mortas durante a inquisição (Souza, 2012).

Com a idade moderna (1453 – 1789), a perspectiva “demoníaca”, religiosa, foi substituída por uma biológica, mas ainda perdurando a expressão melancolia. Só no século XIX o termo melancolia perdeu o seu uso e passou a ser utilizado o termo depressão (Souza, 2012). Sendo um termo que começou a ser adotado pelos médicos clínicos, em substituição dos termos melancolia ou lipemania, talvez porque a palavra levava uma explicação fisiológica.

Não existe consenso entre autores/as sobre termos e surgimento da depressão, porém é fato que ao longo de décadas ora foi considerada como um transtorno da “alma” ou “espírito”, em uma perspectiva religiosa, ora como algo do “corpo”, atrelada a um caminho de desequilíbrio biológico. Os índices de depressão, ao longo dos tempos, vêm aumentando, pois, conforme Sousa *et al.* (2017), demonstra-se que a

depressão no mundo moderno está entre as três principais causas de incapacidade. Em 2030, isso pode chegar em segundo ou até mesmo em primeiro lugar em alguns países.

De acordo com um estudo epidemiológico do Ministério da Saúde, a prevalência de depressão ao longo da vida, no Brasil, está em torno de 15,5%. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a prevalência de depressão na rede de atenção primária de saúde é de 10,4%. Ocupa o primeiro lugar quando considerado o tempo vivido com incapacitação ao longo da vida (11,9%). A época comum do aparecimento é o final da terceira década de vida, mas pode começar em qualquer idade. Estudos mostram prevalência ao longo da vida em até 20% nas mulheres e 12% para os homens (Brasil, 2021).

Conforme Siqueira (2007), estima-se que cerca de 15% das pessoas idosas apresentam algum sintoma de depressão e que 2% são casos graves. Outro ponto indicado por Irigaray e Schneider (2007) reside no fato de que entre 4,8% e 14,6% das pessoas idosas com depressão vivem em comunidade, existindo uma prevalência de pessoas idosas institucionalizadas e hospitalizadas com depressão, chegando a atingir até 22% dos casos. Os dados ainda se encontram bastante imprecisos com relação à quantidade de pessoas idosas com depressão na sociedade brasileira, como mostra-se a seguir. Segundo Gullich *et al.* (2016), no Brasil, os casos de depressão em pessoas idosas podem variar de 2% a 50% a depender de vários fatores.

Tais dados mostram que a depressão nas velhices ainda não tem diagnósticos claros, pois, segundo Sousa *et al.* (2017), no Brasil cerca de 50% das pessoas idosas depressivas não são diagnosticados pelos/as profissionais de saúde que trabalham na atenção primária, pois os sintomas se assemelham aos do processo de envelhecimento, trazendo um risco bem sério de incapacitação de fazer as coisas e de perda da vida.

A partir de um estudo da Pesquisa Nacional de Saúde (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019), observou-se uma maior prevalência da depressão entre 60 e 64 anos de idade (13,2%), o que corresponde ao início das velhices. A depressão nas velhices pode afetar e muito a qualidade de vida, como por exemplo na questão econômica pelos custos diretos e indiretos, podendo representar um “grande peso”, ainda mais para quem não conseguiu aposentar-se. A depressão, pode interromper

estilos de vida, promover privação interpessoal, isolamento, doenças somáticas que a própria depressão traz ou até mesmo estimular o suicídio (Oliveira; Gomes; Oliveira, 2006).

Outra consequência da depressão nas pessoas idosas é a interferência na capacidade funcional, prejudicando a mobilidade e podendo ocasionar a síndrome conhecida como “medo de cair”, fazendo com que evitem sair e de realizar atividades por causa desse medo, o que pode gerar estados depressivos (Paradela, 2011). Tal síndrome é preocupante pelo aumento do isolamento social, tendo o risco de piorar a depressão.

Considerando os aspectos apresentados, conhecer os fatores que podem levar à depressão possibilita conhecimento sobre formas de agir em certos momentos com pessoas depressivas. Mais importante ainda, principalmente no âmbito das políticas de proteção social, a busca das particularidades que envolvem a depressão nas velhices pode promover fomento em torno das políticas públicas necessárias para atendimento das pessoas idosas, tendo essas direito ao diagnóstico e a um tratamento adequado para melhorar sua qualidade de vida e ter mais convívio familiar e social.

DEPRESSÃO NAS VELHICES: FATORES E POSSIBILIDADES DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Dentre os questionamentos que a pesquisa realizou, buscou-se analisar quais os tipos de relações sociais que poderiam levar à depressão de pessoas idosas. A maioria dos artigos mostrou que o isolamento social pode levar à depressão, pois “acredita-se que fatores como [...] isolamento social [...] são preditores do desenvolvimento da depressão na terceira idade” (Pacheco, 2002 apud Santos; Souza, 2022, p. 7.514). Para além dessa questão, outros dois fatores que emergiram com intensidade nas obras foram solidão e abandono, pois “o abandono e a solidão são aspectos que desencadeiam e agravam a doença” (Rosa; Lisboa, 2019, p. 12). Essa tríade isolamento, solidão e abandono pode vir acompanhada de um sentimento de inutilidade:

[...] nesse sentido, o idoso que tem sua vida totalmente ativa, ao deparar-se com as impossibilidades que a vida traz com o passar do tempo, começa a

sentir-se inútil e por vezes acaba isolando-se, aumentando assim a probabilidade para a depressão (Magalhães; Souza, 2020, p. 41).

Além desses fatores, surgiram outros, como afastamento dos/as filhos/as, desvalorização social, negligência, maus-tratos, preconceito através do etarismo, escassez de vínculos, baixo suporte social, redução de perspectivas sociais, dependência, perda do papel social, perda dos laços ou vínculos afetivos, saída dos/as filhos/as de casa, independência dos/as filhos/as e perda da juventude. Esses fatores, aliados a outras situações, “podem funcionar como um gatilho para o surgimento do transtorno depressivo” (Magalhães; Souza, 2020, p. 41).

Em termos de relações sociais, emergiu várias questões relacionadas ao convívio com os/as filhos/as. Tanto aspectos ligados à negligência quanto ao distanciamento por questões do cotidiano de estudo, trabalho, constituição de família própria, etc. Cabe destacar que:

[...] estes fatores que colaboram para o surgimento da depressão podem estar relacionados a causas biológicas e também a fatores sociais e estressores, como, por exemplo, a síndrome do ninho vazio [...], abandono familiar, sentimentos de inutilidade, desesperança em relação ao mundo e ao futuro, entre outros (Rosa; Lisboa, 2019, p.12).

O fator autonomia, emergiu tornando-se importante para reflexões, uma vez que pode ocorrer que pessoas idosas “na família, já não tomam mais decisões, pois veem filhos, netos e sobrinhos à frente de tudo” (Magalhães; Souza, 2020, p.40). A perda da autonomia em pessoas idosas pode se dar por diversos fatores, como família, cultura, maus tratos, institucionalização, doenças, limitações cognitivas, medicamentos em excesso e emoções (Saquetto *et al.*, 2013).

Outra questão que buscou-se responder com a pesquisa foi que expressões da questão social poderiam levar a pessoa idosa à depressão. A categoria pobreza emergiu com maior intensidade entre os/as autores/as analisados/as. Dessa forma, a maioria dos artigos destacam a “associação dos sintomas indicadores de depressão [...] à menor classificação econômica” (Bretanha et al, 2015 apud Silva, 2020, p. 26). Sendo que um dos fatores apontados seria a “questão da renda até 1 salário mínimo, a maioria vindo de benefícios ou aposentadorias” (Lara *et al.*, 2020, p. 46), ou seja, o valor recebido mensalmente pelas pessoas idosas tem se mostrado insuficiente para garantir acesso ao básico para sua sobrevivência.

Uma consequência associada à pobreza, emergiu em três artigos (Magalhães; Souza, 2020; Soares, 2022; Sousa *et al.*, 2020), sendo essa a “[...] más condições de moradia” (Sousa *et al.*, 2020, p. 70455). Considerando que a renda é insuficiente, não há possibilidade de garantia de uma moradia que atenda às necessidades de uma pessoa idosa, como, por exemplo, ter condições básicas de acesso à segurança, infraestrutura, qualidade de vida e serviços públicos essenciais (Stefaniak, 2010 apud Grezele, 2022). Outros fatores que apareceram associados à falta de acesso à renda foram baixa escolaridade, analfabetismo e institucionalização. “Dentre os fatores associados, o estudo destaca que pessoas [...] sem escolaridade são mais propícias a apresentarem a sintomatologia da depressão” (Magalhães *et al.*, 2016 apud Silva, 2020, p. 26).

[...] no geral, a influência do nível de escolaridade e suas implicações não estão apenas voltadas a transtornos psiquiátricos ou psicopatológicos; ela tem também como possível consequência a diminuição de qualidade de vida, a dificuldade ao acesso à saúde, dificuldade na manipulação de medicamentos e outros. Pondera-se também que isto possa se configurar como um outro fator que gera ansiedade e depressão nessa comunidade (Barreto *et. al.*, 2017 apud Soares, 2022, p. 41).

A institucionalização, de fato, é geradora de sofrimento para pessoas idosas. As famílias podem encaminhar pessoas idosas para as instituições por motivos que giram em torno, por exemplo, de não terem condições de suprir suas necessidades, sejam elas físicas, emocionais e econômicas. Podem fazer isso com o intuito de proteger dos perigos da solidão em suas casas ou ainda vislumbrando um atendimento técnico de profissionais. Também ocorrem situações de institucionalização por medidas compulsórias, situação de abandono e violência. A maioria das pessoas idosas institucionalizadas não gostaria de estar asilada, mas residindo em seu domicílio. Apesar das consequências da institucionalização de pessoas idosas, como tristeza, apatia, perda da autonomia, frustração, e até mesmo depressão, vem aumentando a procura por essas instituições (Pessôa, 2018).

Outra expressão da questão social evidenciada no artigo de Magalhães e Souza (2020) está relacionada às situações de violência contra a pessoa idosa. No qual mostra-se que “estes estão expostos à negligência, [...] maus tratos e tais situações podem funcionar como um gatilho para o surgimento do transtorno depressivo” (Magalhães; Souza, p.41). De fato, a violência contra a pessoa idosa é expressiva,

uma vez que, no Brasil, segundo o Disque 100, já foram registradas mais de 35 mil denúncias. Sendo que as vítimas tinham em torno de 60 a 90 anos, porém os que mais sofrem a violência são os de 70 a 74 anos (Brasil, 2022).

Outro questionamento que buscou ser analisado foi sobre se as relações de trabalho poderiam levar a pessoa idosa à depressão. Na grande maioria das obras emergiu a aposentadoria como um fator que pode levar a pessoa idosa à depressão, pois “o transtorno depressivo nessa população pode estar associado a [...] aposentadoria (Silva; Benedito; Moura, 2019, p. 26). Tanto que o artigo de Costa *et al.* (2022, p. 7) aponta que

[...] a correlação entre aposentadoria e depressão já foi evidenciada em diversos estudos. Publicação do Institute of Economics Affairs (IEA) em 2013 constatou que após a aposentadoria o risco de um indivíduo desenvolver depressão aumenta em cerca de 40% [...].

Cabe destacar nesse sentido que o “tempo que antes era investido no trabalho pode ser encarado negativamente pelo idoso, já que suas rotinas estão alteradas” (Magalhães; Souza, 2020, p. 40). Atrelado ao fator aposentadoria, surgiram questões como extinção das atividades profissionais, perda de status e papel social vindo do trabalho, sentimentos de inutilidade, incapacidade de reengajamento na atividade produtiva e perda da capacidade de trabalhar. Esses sentimentos podem ser desencadeados pelas características que uma sociedade tem, pois é comum atrelar a inutilidade para o trabalho a questões etárias.

Nóbrega *et al.* (2015) salienta que as oscilações sentimentais, que são próprias do envelhecimento, aliadas a uma sociedade que valoriza os valores da juventude, permeiam um estado de sintomas da depressão, agravando ainda mais a doença (Magalhães; Souza, 2020, p. 40).

Emergiu na análise importante categoria empírica denominada “inatividade social” (Magalhães; Souza, 2020; Soares, 2022; Sousa *et al.*, 2020), sendo essa associada a fatores de risco que podem se mostrar expressivos para o surgimento da depressão na pessoa idosa (Soares, 2022). Embora emergja essa categoria nos artigos, nenhum deles detalhou em termos conceituais seu significado, apenas deixando a entender que o termo pode girar em torno da finalização do processo produtivo laboral ou ainda falta de atividade de socialização.

O lugar que a pessoa idosa ocupa em termos de trabalho em uma sociedade capitalista é discutido em obra de apoio de Teixeira (2008), quando essa aponta que nesta sociedade a pessoa idosa trabalhadora acaba perdendo seu valor de uso e utilidade para o capital, sendo excluídos do mundo do trabalho. Obra de apoio indica que “está sociedade rejeita o velho, [...] perdendo a força de trabalho ele já não é produtor e nem reproduzidor” (Teixeira, 2008, p. 78). Com isso, as pessoas idosas trabalhadoras ficam à margem dessa sociedade, quando não conseguem aposentar-se recorrem a qualquer tipo de trabalho temporário e informal e quando não se consegue outra saída recorrem à assistência pública ou privada.

Ao longo da pesquisa, foram encontrados outros fatores sociais atrelados à depressão, que não haviam sido indicados nas questões norteadoras, mas emergiram de forma empírica, podendo se constituir como estimuladores da depressão nas velhices. Destacou-se a questão do luto em decorrência da viuvez. E, “em relação às principais causas da depressão em idosos avalia-se que [...] viuvez ou luto recentes [...] são fatores de risco que aumentam a probabilidade de ocorrer a doença” (Moreira *et al.*, 2022).

Emergiu ainda a questão da mudança na autoimagem, no qual a pessoa idosa reflete a imagem através da forma que é vista pela sociedade (Moura, 2012). Identificou-se que pessoas idosas com boa saúde, independentes, participantes de grupos não se veem como pessoas velhas (Tirado, 2000 apud Moura, 2012). Já pessoas institucionalizadas podem ver-se de uma forma negativa (Moura, 2012). A “polarização da autoimagem em ‘velho-idoso’ e em ‘velhice-terceira idade’” (Moura, 2012, p. 174) pode levar à depressão.

Outros fatores apontados no artigo de Sousa *et al.* (2020) foram os limites na busca de atividades de lazer satisfatórias, já que as pessoas idosas ainda vivenciam o ritmo de produção que se submetiam no trabalho, tornando-se algo limitante, pois esta sociedade vê o tempo de lazer como algo improdutivo e elas têm dificuldades para ajustar-se ao novo contexto. Ainda destacam que as aposentadorias e rendas das pessoas idosas podem ser insuficientes para aproveitar esse tempo de lazer. Também, a perda do controle financeiro é apontada, quando doentes ou dependentes não têm oportunidades de escolhas, deixando o lazer para segundo plano.

Esse cenário de estímulo ao lazer nas velhices, enquanto mercantilização das velhices (Teixeira, 2008), leva a reflexões sobre o quanto o envelhecimento ativo vem

sendo estimulado em sociedades capitalistas. Obra de apoio de Teixeira (2008, p. 113) vai apontar que esta nova forma de ver a velhice,

[...] através de uma supervalorização desta etapa da vida, através de uma visão de que precisam ter comportamentos ativos, joviais, ser saudável, se cuidar, lazer, etc., acaba por negar o envelhecimento e estimular os valores da juventude como algo que pode ser alcançado através de formas de consumo e estilo de vida adequados.

Nesse cenário, não existe espaço para pensar a existência de várias realidades diferentes entre as pessoas idosas e nem todas conseguem acessar essas condições de vida que a sociedade capitalista impõe. Assim, o não acesso ao lazer pode ser um estimulante da depressão, já que as obras analisadas mostraram que a pobreza e os salários ou aposentadorias irrisórias têm se mostrando fatores que proporcionam tristeza, desamparo, solidão, etc., pela falta de acesso a bens e serviços.

Buscou-se na pesquisa analisar se nas obras apresentavam-se políticas públicas por meio de projetos, programas ou ações que pudessem contribuir com o enfrentamento da depressão nas velhices. Porém, a maioria das obras não apontaram caminhos de resistência a essas situações. Apenas três artigos (Oliveira *et al.*, 2019; Souza *et al.*, 2020; Silva, 2020) indicaram algumas possibilidades. Oliveira (et al., 2019) apontam os grupos de convivência como uma forma preventiva para a depressão nas pessoas idosas, pois é algo que pode inseri-los novamente na sociedade através de atividades e eventos. Porém, nem todas pessoas idosas conseguem ter acesso a esses grupos. Demonstram ainda a importância dos/as profissionais se aprofundarem sobre o envelhecimento e sobre a necessidade de investimento nos grupos de convivência, pois, “concernente à depressão, o estudo mostrou um menor índice da doença nos idosos que se integram em grupos de convivência” (Oliveira *et al.*, 2019, p. 22). Os grupos de convivência têm uma grande relevância, pois possibilitam ressocialização e compartilhamento de saberes entre as pessoas idosas (Oliveira, *et al.*, 2019). Nesse sentido, o fortalecimento desses espaços torna-se uma importante estratégia de combate à depressão.

Ainda de acordo com Souza *et al.* (2020), necessita-se de programas educacionais e estratégias clínicas para orientação e diagnóstico precoce da doença. Por ainda se ter pouco entendimento sobre o assunto, se faz necessário o esclarecimento através de

educação continuada em serviços públicos, discussão de casos, busca por especialização profissional e incentivos à participação em eventos. Além de se criar espaços de promoção à saúde para pessoas idosas e suas famílias.

Conforme Silva (2020), estratégias como psicoeducação, grupos de apoio e integração dos serviços de saúde trazem um manejo melhor e mais precoce em relação à depressão em pessoas idosas: “os grupos que normalmente são instalados como estratégia são os de relaxamento, educação e saúde, lazer e convivência, exercício físico, dentre outros” (Silva, 2020, p. 14).

Esses grupos são planejados com a disponibilidade dos membros da equipe e a partir de muita criatividade. Outra estratégia que aparece em alguns artigos vai no sentido do fortalecimento da Estratégia de Saúde da Família na Atenção Primária. Pois, no Brasil, a população idosa em sua maioria frequenta a atenção primária à saúde, sendo uma das principais formas de acesso ao SUS e constituindo assim política pública de importância significativa no manejo à depressão (Silva, 2020).

Cabe lembrar que o Estatuto da Pessoa Idosa (2003) aponta que a pessoa idosa tem direito a saúde, vida, alimentação, educação, esporte, lazer, trabalho, convivência familiar e comunitária, cidadania, cultura, liberdade, dignidade e respeito. Outro artigo do estatuto aponta para onde recorrer quando se está em situação de pobreza. “se a pessoa idosa ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao poder público esse provimento, no âmbito da assistência social” (Brasil, 2003, s/p).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe lembrar que esta pesquisa tinha a intenção de responder ao seguinte problema: Por quais fatores uma pessoa idosa pode entrar em depressão? Ao analisar as referências bibliográficas, ficou claro que os principais fatores sociais que podem estimular a depressão nas pessoas idosas foram no campo das relações sociais: isolamento social, solidão, abandono, afastamento dos/as filhos/as, negligência e maus-tratos.

Quanto às expressões da questão social que podem estimular a patologia, evidenciaram-se com maior intensidade a pobreza, que provoca inclusive más condições de moradia, outra expressão que recorrentemente emergiu. Ainda surgiram

discussões em torno de situações de violência contra a pessoa idosa, baixa escolaridade enquanto fator limitante e institucionalização enquanto expressão de abandono e negligência.

Nas relações de trabalho, emergiram gatilhos voltados à aposentadoria, extinção das atividades profissionais, perda de status e papel social vindos do trabalho e perda da capacidade de trabalhar, esses agravados pelas relações que permeiam um sistema capitalista.

Outros fatores sociais que emergiram foram luto, viuvez, mudanças na autoimagem e limites na busca de atividades de lazer satisfatórias. Sendo necessário conhecer esses fatores para um melhor conhecimento e entendimento na forma de agir.

Buscou-se responder sobre quais estratégias poderiam contribuir com o enfrentamento da depressão nas velhices, buscando ênfase nas políticas públicas via materialização de projetos, programas e ações, porém poucas obras apontaram caminhos. Nesse sentido, um dos principais desafios desta pesquisa foi encontrar artigos que trouxessem este tema. As poucas obras encontradas trouxeram grupos de convivência como prevenção, educação continuada em serviços públicos, programas educacionais, espaços de promoção à saúde, discussão de casos e incentivos à participação em eventos, etc., que embora importantes, não dão conta de responder a questões mais profundas de violação de direitos. Vale ressaltar ainda que a população idosa encontra pouca proteção por parte do Estado, mesmo a legislação indicando atendimento integral (Pessôa, 2018).

Faz-se necessário que os/as assistentes sociais entendam e conheçam os fatores sociais que podem levar à depressão nas velhices, pois, para saber como intervir com pessoas idosas e suas famílias, articulando ideias, propostas, programas, projetos e políticas públicas de prevenção e enfrentamento dessas situações, torna-se importante conhecer as realidades.

Para trabalhar junto com uma equipe multiprofissional, como no caso de atendimento de pessoas depressivas junto à área da saúde – assim como em outros espaços –, geralmente com o apoio de psicólogos/as e psiquiatras, fará parte do trabalho do/a profissional do Serviço Social orientar e viabilizar o acesso aos direitos sociais dos/as usuários/as, sendo importante salientar que as pessoas idosas são um público de atendimento do/as referidos/as profissionais, sendo a depressão uma das patologias que pode manifestar-se nos atendimentos.

Entre os fatores que apareceram na pesquisa, emergiram expressões da questão social que são o objeto de trabalho do/a assistente social, como por exemplo a pobreza. Decorrentes disso e da falta de acesso à renda apareceram más condições de moradia, baixa escolaridade, analfabetismo e institucionalização, além da violência.

Nesse sentido, os resultados desta pesquisa se tornam importante para a categoria, pois “o Serviço Social tem na questão social a base de sua fundação como especialização do trabalho” (Iamamoto, 2015, p. 27). Em relação aos outros fatores que também são de cunho social envolvendo relações sociais, relações de trabalho e outros, o Serviço Social também intervém, já que, ele “como trabalho supõe privilegiar a produção e a reprodução da vida social” (Iamamoto, 2015, p. 25).

Vale ressaltar que se faz necessário trazer os conceitos de questão social e suas expressões, pois fazem parte das categorias que englobam os fatores sociais que podem levar uma pessoa idosa à depressão. Destaque-se, portanto, a “questão social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura” (Iamamoto, 2015, p. 27). Tais expressões têm como raiz de constituição a produção social cada vez mais coletiva, mas a apropriação mantém-se privada, ou seja, as relações de trabalho fundam-se na exploração do trabalho, sendo que muitos vendem sua força de trabalho em prol do enriquecimento de poucos, e ao envelhecer pode perdurar o sentimento de inutilidade.

Porém, há que se ter em mente que, além das expressões de desigualdades, há a resistência, que é quando as pessoas vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem (Iamamoto, 2015). Nas relações de trabalho na sociedade capitalista, a classe trabalhadora é explorada diariamente. Quando vai ficando mais velha, é simplesmente descartada do mundo do trabalho, não tendo mais nenhum valor. Nas relações sociais a base da vida social se dá através do trabalho (Bulla, 2003), por isso tal questão emerge como um dos fatores determinantes da depressão.

A pesquisa realizada não tem todas as respostas, mas alerta sobre uma importante patologia que afeta toda a sociedade, inclusive as pessoas idosas, que, por estarem nessa fase da vida, podem ser alvo frequente das fragilidades de se estar nas velhices em uma sociedade que não tem a pessoa idosa como prioridade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, **Disque 100 registra mais de 35 mil denúncias de violações de direitos humanos contra pessoas idosas em 2022**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/junho/disque-100-registra-mais-de-35-mil-denuncias-de-violacoes-de-direitos-humanos-contra-pessoas-idosas-em-2022#:~:text=Segundo%20as%20informa%C3%A7%C3%B5es%2C%20de%20janeiro,de%20Direitos%20Humanos%2C%20Nabih%20Chraim>. Acesso em: 22 mai., 2023.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Depressão**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao#:~:text=De%20acordo%20com%20estudo%20epidemiol%C3%B3gico,associada%20a%20um%20transtorno%20f%C3%ADsico>. Acesso em: 06 nov., 2022.
- BRASIL, **Estatuto da Pessoa Idosa**. Lei Nº 10. 741, de 01 de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 05 nov., 2022.
- BERRIOS, German E. Melancolia e depressão durante o século XIX: uma história conceitual. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/XVPXzPSSxs4gdXwQfGx5GrD/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 14 dez., 2022.
- BULLA, Leonia Capaverde. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), 2(1), 1–15. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/947>. Acesso em 02 jun., 2023.
- CUNHA, Gustavo Tenório. **A construção da clínica ampliada na Atenção Básica**. São Paulo: Hucitec, 2007, pág. 21-37.
- COSTA, Tanise; RODRIGUES, Nezilour; ASSIS, Camila; BARBOSA, Andressa; BRAZÃO, Giovanna; GALVÃO, Juliana; GONÇALVES, Isabella; MORIKAWA, Natália. Prevalência e aspectos epidemiológicos de depressão em idosos. **Research, Society and Development**. v.10, n.3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/zMgVZk78cvSFxtQHLGcm6RP/>. Acesso em: 09 mai., 2023.
- DARDENGO, Cassia; MAFRA, Simone. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923/pdf_1. Acesso em: 28 dez., 2022.

FERREIRA, Rayanne; GONÇALVES, Charlisson; MENDES, Patrícia. **Depressão: do transtorno ao sintoma**. Minas Gerais, 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0828.pdf>. Acesso em: 14 dez., 2022.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002499360>. Acesso em: 11 nov., 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. **Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa**. In: Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. (Org.) Maria Cecília de Souza Minayo. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994, p.67-80.

GREZELE, Gabriely. **Moradia e Idoso: um estudo sobre o lugar de envelhecer**. Trabalho de Conclusão de Curso - Bacharel em Gerontologia - Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, São Paulo, 63 p., 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15873?show=full>. Acesso em: 23 mai., 2023.

GULLICH, Inês; DURO, Suele; CESAR, Juraci. Depressão entre idosos: um estudo de base populacional no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 2016. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1018.pdf>. Acesso em: 10 nov., 2022.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 26.ed. São Paulo: Cortez, 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Percepção do Estado de Saúde, Estilos de vida, Doenças Crônicas e Saúde Bucal**. Pesquisa Nacional de Saúde, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101764>. Acesso em: 29 nov., 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021**. IBGE. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20total%20do%20pa%C3%ADs,39%2C8%25%20no%20per%C3%ADodo>. Acesso em: 24 out., 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. IBGE. 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&. Acesso em: 05 nov., 2022.

IRIGARAY, Tatiana; SCHNEIDER, Rodolfo. Características de personalidade e depressão em idosas da Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS).

Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS, p. 169 - 175, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rprs/a/zNvsWfFJWff3n6DRyRD4yJq/?lang=pt>>. Acesso em: 29 nov., 2022.

JUSTINO, Aline Aparecida. Método em Marx: uma abordagem científica para o Serviço Social. **II Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Políticas Sociais**, Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis – 23 a 25 de outubro de 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180065/101_00544.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 nov., 2022.

LARA, Hellen; MELO, Cristiana; SILVA, Evening; SILVA, Izabel; OLIVEIRA, Jefferson; SANTANA, Franciel. Prevalência de depressão em mulheres idosas assistidas na Atenção Básica. *Revista de Atenção à Saúde, São Caetano do Sul - SP*, v. 18, n. 64, p. 42 - 51, 2020. Disponível em:

https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/6520. Acesso em: 09 mai., 2023.

MAGALHÃES, Andréa; SOUZA, Júlio. **Depressão na terceira idade: fatores desencadeantes e os reflexos na qualidade de vida**. In: FIGUEIREDO, Suelânia; SOUZA, Júlio; CAVALCANTE, Diego. A saúde mental do amazônida em discussão. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://poisson.com.br/2018/produto/a-saude-mental-do-amazonida-em-discussao/#:~:text=Neste%20caderno%20cient%C3%ADfico%2C%20constam%20monografias,cuidados%20paliativos%2C%20sofrimento%20ps%C3%ADquico%20e>.

Acesso em: 09 mai., 2023.

MOREIRA, Ludiane; CABRAL, Mariana; PANIZ, Ana; FERREIRA, Karina; CARRIJO, Adrielly. Fatores associados à depressão em idosos: uma revisão integrativa. 2022.

Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar. Disponível em:

<https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/coloquio/article/view/1655>. Acesso em: 09 mai., 2023.

MOURA, Giselle; SOUZA, Luciana. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **Textos e Contextos** (Porto Alegre), v. 11, n. 1, 2012, p. 172 - 183. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/9492>. Acesso em: 30 mai., 2023.

OLIVEIRA, Andreza; ABREU, Sanmille; MACEDO, Maria; DUARTE, Stênio; REIS, Luciana; LIMA, Pollyanna. Grupos de convivência como suporte na prevenção da depressão em idosos. **Rev. Enferm. Contemp.**, p. 17 - 24, 2019. Disponível em:

<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/1637>. Acesso em: 09 mai., 2023.

PARADELA, Emylucy M. P. Depressão em idosos. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, UERJ, Rio de Janeiro, p. 31- 40, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/8850>. Acesso em: 21 dez, 2022.

PASCHOAL, Sérgio; SALLES, Renata; FRANCO, Roberto. **Epidemiologia do envelhecimento**. In: CARVALHO FILHO, Eurico; PAPALÉO NETTO, Matheus. Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica. 2ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2006. p.19-34.

PÊSSOA, Elisângela. **O estágio supervisionado em Serviço Social em instituições de longa permanência**. GOIN, Mariléia; MACHADO, Loiva;

PEDERSEN, Jaina. Estágio supervisionado em Serviço Social: os (des)caminhos das experiências nos diferentes espaços sócio-ocupacionais. Jaguarão, RS: CLAEC, 2018, 201-219 p.

OLIVEIRA, Deise; GOMES, Lucy; OLIVEIRA, Rodrigo. Prevalência de depressão em idosos que frequentam centros de convivência. **Revista Saúde Pública**, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/zMgVZk78cvSFxtQHLGcm6RP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ROSA, Ana; LISBOA, Thaís. Depressão na terceira idade. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Renata S.R. Tomaz (orientadora). Centro Universitário de Anápolis. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/1122/1/Ana%20e%20Thais-%20tcc%20-%20Finalizado.pdf>. Acesso em: 09 mai., 2023.

SANTOS, Glaucia; SOUZA, Maria. Aspectos da depressão na velhice: revisão integrativa de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 7513/7522, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/46929>. Acesso em: 09 mai., 2023.

SAQUETTO, Micheli; SCHETTINO, Ludmila; PINHEIRO, Paloma; SENA, Edite; YARID, Sérgio; FILHO, Douglas. Aspectos bioéticos da autonomia do idoso. R **Epidemiol Control Infec.** p. 518/524, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/PLmZhFvJfvzysXCzCKmyBGB/?lang=pt>. Acesso em: 01 jun., 2023.

SILVA, Jéverson Pereira. **Depressão em idosos no contexto da atenção primária à saúde: revisão integrativa da literatura**. Monografia. Orientadora: Dra. Rafaela Gerbasi Nóbrega Quartone. Curso de Fisioterapia - Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ, João Pessoa, 33 p., 2020. Disponível em: <https://repositorio.up.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1542/1/JEVERSON%20PEREIRA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 09 mai., 2023.

SILVA, Jucélia; BENEDITO, Monique; MOURA, Amanda. Depressão em idosos: uma revisão de literatura. 2019. **Anais VI Congresso Brasileiro de Envelhecimento Humano**. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA2_ID2395_04062019221314.pdf. Acesso em: 09 mai., 2023.

SIQUEIRA, Gisela; VASCONCELOS, Diego; DUARTE, Gustavo; ARRUDA, Ivo; COSTA, João; CARDOSO, Renata. Análise da Sintomatologia depressiva do Abrigo Cristo Redentor através da aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG).

Ciência e Saúde Coletiva, Recife PE, p. 253 - 259, 2007. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8zWGGQPYwNmNMtWmospdzSnj/?lang=pt>. Acesso em: 29 nov., 2022.

SOARES, Paula Fernanda. **Fatores associados à ansiedade e depressão em idosos: uma revisão integrativa**. Monografia (Graduação). Orientador: José de Ribamar Medeiros Lima Júnior. Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro MA, 49 p., 2022. Disponível em:

<https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/5983/1/PAULAFERNANDASOARES.pdf>. Acesso em: 09 mai., 2023.

SOUSA, Paulo; PRIMO, Andréa; FERNANDES, Ana; SILVA, Maria; ALMEIRA, Thaynara; AZEVEDO, Marcel; TORRES, Ruth; JÚNIOR, Gilverton. Enfermagem na prevenção da depressão no idoso. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 70446/70459, 2020 Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/1702>. Acesso em: 09 mai., 2023.

SOUSA, Karolliny; FREITAS, Fabiana; CASTRO, Anubes; OLIVEIRA, Cecília; ALMEIDA, Anthonio; SOUSA, Kamilla; Prevalência de sintomas da depressão em idosos assistidos pela estratégia de saúde da família. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, 2017. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-907980#:~:text=identificou%2Dse%20preval%C3%Aancia%20de%20depress%C3%A3o,religi%C3%A3o%20e%20com%20doen%C3%A7a%20cr%C3%B4nica..>

Acesso em: 10 nov., 2022.

SOUZA, Taís; LACERDA, Acioly; **Depressão ao longo da história**. 2012.

Disponível em:

https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_72_.pdf. Acesso em: 28 nov., 2022.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno; Revisão técnica: Dirceu da Silva, Porto Alegre, 2016.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice: Aspectos Biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Elisângela Maia Pessôa

Pós-doutora em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (2019). Graduada em Serviço Social pela Universidade do Contestado (1999), Especialista em Serviço Social e Políticas Sociais (2001) e em Práticas Sociais com Famílias (2003). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS (2007) e Doutora em Serviço Social, pelo mesmo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS (2010). Trabalhou como Perita do Judiciário Federal de Santo Ângelo, Assistente Social da Empresa Aurora, Prefeitura Municipal de Belmonte (SC) São Luiz Gonzaga (RS) e Santo Antônio das Missões (RS). Atuou como Coordenadora do Curso de Serviço Social da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Coordenadora de Estágios em Serviço Social e docente. Atuou como Fundadora da empresa Absoluta Consultoria Social, atendendo demandas interventivas no âmbito social de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em relação a projetos sociais, balanço social e responsabilidade social. Na Universidade Federal do Pampa atuou como Coordenadora Acadêmica do Campus São Borja e Coordenadora do Curso de Serviço Social. Atua como professora associada do Curso de Serviço Social da Unipampa. Atua como avaliadora INEP. Faz parte do NDE e Comissão de Curso do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa. Desenvolve projetos de pesquisa no âmbito da saúde e envelhecimento. Avaliadora do INEPE visitas in loco avaliação de curso de graduação. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Políticas Sociais, Questão Social e Relações de Exploração/Opressão.

Bruna Wagner Dutra

Bacharel em Serviço Social pela Universidade federal do Pampa – Unipampa, campus São Borja.